



REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS
E-ISSN 2358.6958

Performances pornoterroristas: rotas de fuga frente ao imaginário heterossexual

Luisa Duprat (Maria Tuti Luisão)

Para citar este artigo:

DUPRAT, Luisa. Performances pornoterroristas: rotas de fuga frente ao imaginário heterossexual. **Urdimento** – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 3, n. 52, set. 2024.

 DOI: 10.5965/1414573103522024e0109

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software* | iThenticate



A Urdimento esta licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) – (CC BY 4.0)



Performances pornoterroristas: rotas de fuga frente ao imaginário heterossexual¹

Luisa Duprat (Maria Tuti Luisão)²

Resumo

No artigo, a linguagem da performance foi trabalhada a partir do seu poder disruptivo, como uma plataforma de experimentação de saídas criativas frente às convenções produzidas pela heterossexualidade. A performance pornoterrorista de Diana Torres, materializou estratégias artísticas de destruição das narrativas hegemônicas sobre gênero e sexualidade, de modo que se apresentou como importante referência na investigação de produção de imagens críticas ao imaginário heteronormativo. A criação da performance *Cualquiera! Qualquer cosa sobre todo en mi*, apresentada no artigo, se deu pelas bases pornoterroristas, influenciadora das estratégias de resistência artísticas.

Palavras-chave: Performance. Pornoterrorismo. Heterossexualidade.

Pornoterrorist performances: escape routes against the heterosexual imaginary

Abstract

In the article, the language of performance was explored for its disruptive power, serving as a platform for experimenting with creative solutions to conventions produced by heterosexuality. Diana Torres's pornoterrorist performance materialized artistic strategies to destroy hegemonic narratives about gender and sexuality, thus presenting itself as an important reference in the investigation of producing critical images of the heteronormative imagination. The creation of the performance *Cualquiera! Qualquer cosa sobre todo en mi*, presented in the article, was based on pornoterrorist foundations, influencing artistic resistance strategies.

Keywords: Performance. Pornoterrorismo. Heterossexualidad.

Performances pornoterroristas: rutas de escape frente al imaginario heterossexual

Resumen

En el presente artículo se trabajó el lenguaje del performance a partir de su poder disruptivo, como una plataforma de experimentación de salidas creativas frente a las convenciones producidas por la heterossexualidad. La performance pornoterrorista de Diana Torres materializó estrategias artísticas de destrucción de las narrativas hegemónicas sobre género y sexualidad, de manera que se presentó como una referencia importante en la investigación de producción de imágenes críticas del imaginario heteronormativo. La creación de la performance *Cualquiera! Cualquier cosa sobre todo en mí*, presentada en el artículo, se dio sobre las bases pornoterroristas, influyendo en las estrategias de resistencia artísticas.

Palabras clave: Performance. Pornoterrorismo. Heterossexualidad.

¹ Revisão ortográfica, gramatical e contextual do artigo realizada por Joice de Oliveira Faria. Mestrado em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Graduada em Letras-português pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC SP).

² Doutoranda em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Dança pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Bacharel em Interpretação Teatral pelo departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília (UnB).  luisaduprat.tuti@gmail.com
 <http://lattes.cnpq.br/5704861064611588>  <https://orcid.org/0000-0001-8089-2739>

Introdução

Este artigo é originado a partir da minha dissertação de mestrado, *LA VENGANZA! Estratégias sapa pornoterroristas desestabilizadoras de normativas heterossexistas e racistas* (2019)³, cuja pesquisa foi desenvolvida por meio de experimentações na linguagem *drag*, criadas em resposta a um desconforto: experienciar também nos meios LGBTQIAPN+ situações de violências que emergem da heteronormatividade. Este incômodo impulsionou a pesquisa em direção à compreensão da heterossexualidade como uma instituição política, projetada para nos conformar como sujeitos performadores de uma determinada norma social. A arte *drag* foi percebida como uma linguagem que oferta muitas possibilidades de trabalhar pelo corpo, as questões do próprio corpo. A prótese, compreendida como tecnologia de transformação corporal, indispensável nas montações⁴ das mais variadas manifestações da arte *drag*, se apresentou como território aberto para experimentações de si, criando múltiplas formas de materialidades, produzindo imagens que estranham o habitual (Fabião, 2013). A performance *Cualquiera! Cualquier cosa sobre todo en mí*⁵ nasceu das experimentações em *drag*, responsáveis por corporificar algumas perguntas da pesquisa de mestrado:

[...] sendo eu, quem sou⁶, como posso criar desvios, através de próteses e maquiagens, em um corpo tão marcado por normatividades heterossexistas e racistas? Como uma mulher branca consegue criar rotas de fuga que desafiem essa construção de ideal feminino? Quais escolhas estéticas alargam essa condição? Quais movimentos são capazes de mudar os rumos de um corpo? É possível que existências com condições completamente distintas se reconheçam, ainda que por segundos, no instante presente do deslocamento e estranhamento da

³ Realizado na Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia, com orientação da prof^a dr^a Rita Aquino.

⁴ Ato de transformação corporal da arte *drag*.

⁵ Link de visualização da performance: <https://www.youtube.com/watch?v=HC2VNCstsUg>

⁶ As mãos que escrevem este artigo são brancas, magras, confortáveis financeiramente, brasilienses, latino-americanas, são mãos de sapa. Mãos desejosas que tocam o corpo com satisfação, fazendo cafunés em pentelhos mal aparados. São mãos cheias de contradição. Resgatei este trecho de um material da pesquisa de mestrado que não entrou na dissertação. Me pareceu oportuno sua retomada objetivando localizar o sujeito deste artigo.

ação? O que o estranhamento pode provocar? Quando ele aproxima e quando afasta? (Duprat, 2019, p. 40).

Essa performance (*Cualquiera!*) conduziu o mestrado no sentido de materializar as perguntas da dissertação em composições artísticas, responsáveis pela reflexão, organização e levantamento de dados da pesquisa, bem como influenciou os modos de escrita. Retomo-a neste artigo, devido à sua inseparabilidade das reflexões produzidas acerca da heteronorma e os processamentos das saídas criativas frente a esse sistema, ainda que não me aprofunde o suficiente para detalhá-la minuciosamente, devido ao recorte temático necessário para a realização deste texto.

Neste artigo, pretendo trabalhar com o conceito de heterossexualidade, situado histórica e socialmente, articulando a performance como catalisadora na produção de imagens críticas à colonialidade. Argumento, amparada, especialmente, pela teórica afro dominicana Ochy Curiel⁷, em diálogo com as demais autoras, que a heterossexualidade vai além da orientação sexual dos indivíduos, constituindo-se como um projeto de nação que nasce da colonialidade. A heterossexualidade é uma instituição reguladora sexual e reprodutiva dos corpos, capaz de influenciar nas formações subjetivas dos sujeitos.

Aponto a autonomia erótica como um modo de resistir ao controle da nação heterossexual, influenciada pela teoria da Tânia Saunders⁸, em articulação com a noção de performance pensada pela performer Eleonora Fabião⁹. A artista trabalha a noção de performance em uma perspectiva oposta às lógicas de consumo capitalista, pois, devido à sua efemeridade e incorporação de experiências de deslocamento, sua ação é capaz de produzir a partir de perspectivas que desafiam o habitual, o senso comum (2004). Trago, então, a performance pornoterrorista de Diana Torres para o diálogo entre a autonomia erótica de Saunders e a noção de performance de Fabião, interessada em discutir estratégias artísticas de

⁷ Ochy Curiel é artista, ativista, pesquisadora e teórica do feminismo lésbico.

⁸ Tanya Saunders é socióloga brasileira e estudiosa dos estudos culturais. Sua pesquisa parapele campo das artes, atravessado pela vivência da Diáspora Africana nas Américas, sob perspectiva do debate racial, de gênero e sexualidade.

⁹ Eleonora Fabião é pesquisadora brasileira e trabalha com a arte da performance, dramaturgia experimental, poéticas e estéticas do estranho e do precário.



resistência frente ao imaginário colonial de nação heterossexual. Diana Torres experimenta práticas dissidentes e marginalizadas em suas performances como experiências de retomada de sua autonomia erótica, uma vez que, segundo a performer (2014), a nossa sexualidade/nosso prazer não nos pertencem, mas sim à igreja, heterossexualidade, pornografia *mainstream* e etc. Seu trabalho é uma crítica aos estereótipos de gênero e sexualidade, ao incorporar imagens de violência, elementos abjetos e práticas sexuais não hegemônicas, articuladas à sua pornopoesia, produzindo imagens que não cabem no imaginário colonial projetado para os corpos.

E, por fim, compartilho algumas estratégias artísticas que emergem das experimentações de *Cualquiera! Cualquier cosa sobre todo en mi*, criada com forte influência da estética pornoterrorista de Diana Torres. Relato algumas ações da performance, aquelas que considero com possibilidades disruptivas de imagem/discurso, tecendo criticamente relações entre as escolhas estéticas e de composição artística e problemáticas que circundam a heteronorma. Este artigo articula referências das áreas das artes cênicas, sociologia/antropologia social, estudos feministas, de gênero e sexualidade, movido pela (in)disciplinaridade¹⁰ própria à linguagem da performance e por toda produção de conhecimento que se dá pelo corpo.

Processos históricos

A autora Geni Núñez¹¹, em seu livro *Descolonizando Afetos: experimentações sobre outras formas de amar* (2023), discorre sobre como a colonização do Sul global se sustentou a partir das bases morais/ideológicas do cristianismo europeu em termos de religião, sexualidade, modos de vida e etc. Para que o projeto colonial fosse bem-sucedido, era necessário ir além da exploração de mão de obra escravizada, empenhando-se em deslocar cosmovisões diversas de povos

¹⁰ Refere-se ao artigo Rastros de uma submetodologia indisciplinada (2016) de Jota Mombaça. Nele, a autora articula a teoria de Helena Katz e Cristina Greiner na tecitura de uma metodologia indisciplinada que compreende o corpo enquanto estado transitório, aberto, relacional, provisório. Já a noção de disciplina se aproxima mais da dimensão de coleção, controle, separação e divisão. Considerando, portanto, que pesquisas nas artes do corpo operam por princípios metodológicos de abertura, transitoriedade, relação e etc.

¹¹ Geni Núñez é psicóloga, escritora e ativista indígena Guarani.



originários e pessoas sequestradas do continente africano para o campo do imoral, perverso, subdesenvolvido, não desejável. Foi um trabalho intenso e contínuo, cuja duração se estende até os dias de hoje, de infiltração e contaminação de uma pluralidade de imaginários reduzidos à moral cristã e aos modos de organização e civilidade europeias. É nesse sentido que, quando falamos em projeto colonial, é importante considerá-lo em sua interdependência de opressões, uma vez que a colonialidade só se sustenta através do rebaixamento de pessoas racializadas, sexo-gênero dissidentes, com deficiências, pobres etc. Ou seja, o capitalismo, base econômica das expansões coloniais, se estrutura de modo a servir um tipo único de existência posto enquanto normal e universal, medida única de sucesso: o homem cis heterossexual, branco, burguês, urbano e funcional.

Em confluência com Geni Nuñez, a autora Ochy Curiel traça um paralelo entre heterossexualidade e nação, desvelando categorias naturalizadas de pátria, localizando-as nas diversas leis e teorias científicas, responsáveis pela formação unificada de imaginários, construídos artificialmente. A autora analisa a Constituição da Colômbia de 1991 e, a partir dessa análise, cria o termo heteronação (2013) para discutir como as bases legais do país estão fundadas em premissas heterossexuais. A heteronação passa pela compreensão de um país regido por bases legais que se sustentam em princípios monogâmicos, heterossexuais, centralizados na família nuclear. O matrimônio formal serviu como estratégia de sustentação das atividades fundamentais do período colonial (e segue servindo ao modelo capitalista atual), de forma que o casamento heterossexual monogâmico, configurado como garantia de repasse das riquezas para uma mesma comunidade de iguais, garantiu a manutenção de pessoas brancas no poder. Por isso, era necessário controlar a reprodução entre espécies de um mesmo núcleo familiar. Patrícia Hill Collins¹², em seu livro *Black Sexual Politics: African Americans, Gender, and the New Racism* (2004), aprofunda o debate ao refletir sobre o conceito de família estar fundamentalmente criado a partir das bases da burguesia, heterossexualidade e brancura. Não à toa o casamento precisou ser regulado pelo Estado para que se garantisse a dita

¹² Patrícia Hill Collins é teórica afro americana do feminismo negro, ativista, socióloga e professora da Universidade de Maryland.



normatividade social.

O racismo e o heterossexismo também compartilham um conjunto comum de práticas projetadas a disciplinar as pessoas a aceitar o status quo. Essas práticas disciplinares podem ser melhor compreendidas na instituição do casamento. Se o casamento fosse de fato uma ocorrência natural e normal entre casais heterossexuais e ocorresse naturalmente dentro das categorias raciais, não haveria necessidade de regulamentá-lo. As pessoas escolheriam naturalmente parceiros do sexo oposto e da mesma raça. Em vez disso, um número de leis foi criado para regular o casamento. Por exemplo, por muitos anos, o sistema tributário recompensava casais com benefícios fiscais que eram negados a contribuintes individuais ou casais não casados. A mensagem é clara: casar-se se torna um benefício financeiro. Da mesma forma, para encorajar as pessoas a se casarem dentro de sua raça designada, numerosos estados aprovaram leis que proibiam o casamento interracial (Collins, 2004, p. 95)¹³.

No ritual do casamento entre um homem e uma mulher cisgêneros, ocorre um movimento de captura da esposa como propriedade privada de seu marido, ao receber seu sobrenome. Isso garante, mediante legislação, que toda a multiplicação da família, construída a partir da reprodução, terá um amparo do Estado, inclusive o repasse de capital econômico e social de uma geração à outra. O sobrenome aparece, assim, como uma espécie de registro de *pedigree* auxiliador do controle de manutenção da herança. A heterossexualidade não se restringe apenas a uma prática sexual, mas surge como uma instituição obrigatória (Rich, 2012). A heteronação da qual nos fala Ochy Curiel aponta para o caminho da heterossexualidade como um regime sexual com interesses políticos capaz de penetrar no imaginário da nação de modo tão intenso que se apresenta como algo natural, próprio de todos os seres humanos. A heterossexualidade, enquanto instituição obrigatória (2010), se assegura em situar as mulheres cis como propriedades emocionais e sexuais dos homens cis, uma vez que a autonomia, em especial a erótica, das mulheres tensiona as instituições sociais dominadas pelos

¹³ Racism and heterosexism also share a common set of practices designed to discipline people to accept the status quo. These disciplinary practices may be best viewed in the institution of marriage. If marriage was indeed a natural and normal occurrence among heterosexual couples and occurred naturally within racial categories, there would be no need to regulate it. People would naturally choose partners of the opposite sex and the same race. Instead, a number of laws were designed to regulate marriage. For example, for many years, the tax system rewarded couples with tax benefits that were denied to individual taxpayers or unmarried couples. The message is clear, getting married becomes a financial benefit. Similarly, to encourage people to marry within their designated race, numerous states passed laws prohibiting interracial marriage. (Tradução nossa)

homens cis (Saunders, 2017). Nesse sentido,

A autonomia erótica interrompe a conexão colonial básica entre respeitabilidade, posse e cidadania. Dessa forma, a autonomia erótica pode perturbar a heterossexualidade (um sistema de gênero/sexo racializado) como sendo um elemento constitutivo da cidadania de modo que a lealdade do cidadão para a nação não está imbuída na relação colonial entre raça, sexo, reprodução, heterossexualidade e o erótico. Como um projeto emancipatório feminista, a autonomia erótica possui possibilidades transformadoras para nação, uma vez que irá permitir a todos os cidadãos, especialmente as mulheres, a possibilidade de serem totalmente incluídas na nação como sujeitas autônomas (Saunders, 2017, p. 113-4).

Se *“La nación heterossexual no es más que una ficción producto de la hegemonía de las fuerzas políticas y sociales por razón del sexo, raza y clase, base fundamental para crear los pactos sociales en las sociedades modernas [...]”* (Curiel, 2013, p. 91), o ato sexual tal qual a heteronormatividade o produz, medido pela moralidade cristã e servindo às necessidades reprodutivas do capitalismo, também não passa de uma criação, nada natural. No entanto, precisa ser discursivamente crível que a heterossexualidade seja a norma correspondente à ideia de família para garantir a perpetuação da espécie. Por isso é tão comum que discursos conservadores se utilizem do pânico moral para situar as sexualidades dissidentes como abjetas e perigosas a ponto de perturbar e ameaçar a ordem social familiar. Pessoas sexo-gênero dissidentes são consideradas perigosas porque operam como um *bug*, um desvio no sistema, fissurando o ideal que acredita em apenas um único modo de ser e estar no mundo como o exemplar e o correto. Interessa retornar à pergunta, “se o sexo é uma ação capaz de expor e reforçar relações de poder, como o corpo, mediado pelo prazer, apreende e produz outras formas de ser e estar no mundo?” (Duprat, 2019, p. 64).

Pornoterrorismo

Diana Torres¹⁴ (2015) realizou uma longa pesquisa sobre a presença da palavra clitóris na literatura médica e confirma a quase inexistência de estudos a respeito do órgão. Ela nos alerta para o fato de, nessa literatura, nossos órgãos são categorizados em essenciais e acessórios. O corpo foi dividido entre reprodutivo

¹⁴ Diana Torres é escritora, poeta e performer pornoterrorista espanhola.

(essencial) e não reprodutivo (acessório), cabendo ao clitóris, zona erógena cuja única função é gerar prazer, o título de acessório. Não surpreende tamanha desinformação sobre um órgão cuja existência serve exclusivamente ao prazer, uma vez que a heteronormação precisa garantir o sexo reprodutivo para salvaguardar a permanência da heterossexualidade como modelo de nação. A via é, portanto, injetar a penetração no imaginário comum como sendo a ação fundante do ato sexual.

O sexo tem limites que são reconhecíveis, pois é a partir desses que conseguimos distinguir o que é o sexo e o que não é. Nesse processo, ele organiza lugares, cria expectativas e produz a ordem das coisas, assim como lugares de gênero e sexualidade. O sexo reprodutivo heterossexual, por exemplo, manteve e ainda mantém essa ordem, encontrando na “natureza” a base para sua existência e consistência. No entanto, a própria relação entre reprodução e prazer sexual pode ser questionada. Acionar os limites do sexo a partir dos limites da reprodução é arbitrário, uma estrutura social produto das tecnologias que regulam o sexo e o constituem dentro de uma lógica (re)produtiva (Conegatti; Felipe, 2017, p.226).

Em uma performance, Diana Torres enfia um microfone em sua vagina e batuca seu ventre, produzindo um som de atmosfera cavernosa, enquanto declama alguns de seus manifestos pornopoéticos. Em seguida, com auxílio de uma assistente que lhe faz um *fist fucking*¹⁵, ejacula a metros de distância, enquanto projeta imagens de violência. Torres cunhou o conceito pornoterrorismo para definir a sua obra¹⁶, que transita entre as linguagens da poesia, vídeo e performance. Esse conceito se ocupa em investigar como as práticas sexuais pertencem à heteronormia, igreja, patriarcado, pornografia *mainstream*, medicina, racismo, capacitismo, etc., e de quais maneiras pode-se romper com esse estabelecido. Como reagir a um sistema que dita nossa sexualidade, reduzindo as múltiplas possibilidades de prazer em dispositivos de controle funcionais ao capitalismo?

Em sua poesia, Torres trabalha com críticas diretas aos estereótipos sexuais, de gênero e sexualidade. Suas produções visuais contêm imagens de violência,

¹⁵ Prática sexual que envolve a penetração de um punho na vagina ou ânus.

¹⁶ Confira alguns vídeos dos trabalhos de Diana Torres: <https://vimeo.com/88469821>. Acesso em: 23 jul. 2023 e <https://vimeo.com/65463988>. Acesso em: 23 jul. 2023.

guerra e execuções reais. Em suas performances, estão presentes elementos abjetos, como carne crua e sangue, e ações sexuais dissidentes, como *fist fucking*, sexo anal, introdução de objetos estranhos à vagina, como um microfone e *squirting*¹⁷, entre outros. A performer experimenta e articula práticas dissidentes e marginalizadas para reivindicar politicamente a autonomia erótica de seu corpo e não a serviço de um sistema. O pornoterrorismo de Torres se une ao conceito de terrorismo no que diz respeito ao campo da violência e transgressão, ao rasgar o espaço seguro em suas produções artísticas e provocar a desestabilização da segurança do público que assiste às suas performances. Ou seja, o terrorismo é percebido na violência das imagens (retiradas muitas vezes de noticiários da televisão), na transgressão da linguagem subversiva de sua pornopoesia e nas práticas sexuais dissidentes.

[...] é terrorista porque atenta contra as normas do Estado através de sua sexualidade bastarda e incendiária, por isto, pornoterrorista. Um ato pornoterrorista é uma contra violência, nunca gratuita. É uma redistribuição de violência (Mombaça, 2016), um contra-ataque. Uma pornoterrorista tem como sua maior arma, seu corpo, carregado de palavras e raiva (Torres, 2010). Suas ferramentas não servem para matar, mas são úteis para “aterrorizar a um sistema heteropatriarcal que tem estado completamente defasado (ainda que nunca foi justo) (Torres, 2010, p. 56)” (Duprat, 2019, p. 63).

Diana Torres nos desafia a ir além das normas estabelecidas, ao estimular a experimentação da própria sexualidade, retomando nossos prazeres da carne que foram saqueados, estuprados e violados. Essa provocação é articulada pela performance pornoterrorista capaz de produzir narrativas propulsoras de invenções de novas formas e novos corpos. Retomando a pergunta: como reagir a um sistema que dita nossa sexualidade, reduzindo as múltiplas possibilidades de prazer em dispositivos de controle funcionais ao capitalismo? E, como desdobramento, podemos considerar a performance como importante catalisadora de rupturas?

Performance

A performance desafia o sistema capitalista colonial ao conectar-se com

¹⁷ Ejaculação produzida pela vagina.

múltiplas linguagens de modo indisciplinado, produzindo conhecimentos únicos, deslocando a racionalidade como elemento dominante da prática intelectual e incluindo o corpo nos domínios do conhecimento. No entanto, é válido considerar os espaços de poder por onde circulam muitas performances e o modo como os processos artísticos, sem exceção, podem ser articulados de forma a sustentar e promover sistemas hegemônicos. Neste artigo, interessa o recorte da performance considerada em seu poder disruptivo. O corpo é a matéria primeira do performer, e a insistência em evidenciá-lo, de acordo com Fabião, se mostra na relação entre corpo-mundo, uma vez que “performers são, antes de tudo, complicadores culturais” (Fabião, 2008, p. 237). Corporalidades em aderênciaresistência¹⁸ com o mundo, com o chão que pisam, enfatizam “a politicidade corpórea do mundo e das relações” (Fabião, 2008, p. 237). O performer, como complicador social, desorganiza a ordem posta, evidenciando culturalmente, ideologicamente, politicamente e economicamente as construções hegemônicas, afastando-as de qualquer dimensão natural.

A performance, por sua natureza de difícil comercialização e seu caráter marginal (margens: habita um espaço relativo entre as artes—plásticas, cênicas e fílmicas—e, entre arte e não-arte), muitas vezes abjeto (corpos desarticulados, levados à condições psicofísicas extremas, brutalidade poética) e socialmente discrepante (formas sexuais múltiplas, humor fino e grotesco, práticas existenciais e corporais excêntricas e irônicas), define-se como forma de resistência, como força contestatória, como prática política. A performance gera e apresenta corpos e situações em que a normatividade ocidental contemporânea—marcadamente consumista, mecanicista, logocêntrica, racista, homofóbica, descorporalizada—é pensada (Bouger, apud Fabião, 2004, p. 2).

Eleonora Fabião vai chamar toda ação performativa “meticulosamente calculada, conceitualmente polida, que em geral exige extrema tenacidade para ser levada a cabo, e que se aproxima do improvisacional exclusivamente na medida em que não seja previamente ensaiada” (Fabião, 2008, p. 237), de programa. A autora localiza essa palavra-conceito na teoria da performance inspirada pela noção de Corpo-Sem-Órgão de Gilles Deleuze e Félix Guattari, onde os autores desenvolvem a noção do programa como um motor de

¹⁸ Essa aglutinação feita entre a palavra aderência e resistência é proposta pela pesquisadora Eleonora Fabião no artigo Programa performativo: o corpo-em-experiência (2013).

experimentação, um ativador de experiência. A autora traça, a partir da teoria de Victor Turner¹⁹, sobre a origem etimológica da palavra experiência estar ligada ao risco, perigo e rito de passagem.

Através da realização de programas, o artista desprograma a si e ao meio. Através de sua prática acelera circulações e intensidades, deflagra encontros, reconfigurações, conversas, como diz Pope.L, “faz coisas acontecerem”. Através do corpo-em- experiência cria relações, associações, agenciamentos, modos e afetos extraordinários. Performances são composições atípicas de velocidades e operações afetivas extraordinárias que enfatizam a politicidade corpórea do mundo e das relações. O performer age como um complicador, um desorganizador; cria para si um Corpo sem Órgãos ao recusar a organização dita “natural”, organização esta evidentemente cultural, ideológica, política, econômica. Um performer pergunta sobre capacidades e possibilidades do corpo; sobre pertencimento, exclusão, mobilidade, mobilização; pergunta: de quem é esse corpo? a quem pertence o meu corpo? e o seu?” (Fabião, 2013, p. 5-6).

Considerar a performance não como um trajeto orientado por noções de causa e efeito, mas como um conjunto de ideias que encontram uma forma de se organizar no corpo (Setenta, 2008), articulando produções artísticas comprometidas em tensionar imagens a ponto de romper com as repetições imagéticas construídas discursivamente pelas identidades coloniais.

Cualquiera! Cualquier cosa sobre todo en mi

Me interessa em trabalhar com produções de imagens que rasgam os discursos produzidos pela significação dominante e costumam retalhos inventores de outras geografias corporais, capazes de imaginar novos mundos. Tenho experimentado em minhas performances composições disruptivas que operem como *bugs*, defeitos no sistema. Ao conhecer o trabalho da performer Diana Torres, intuí que sua estética pornoterrorista seria preciosa influência na criação de estratégias de produção de imagens críticas à colonialidade. E assim, inspirada por Torres, criei a performance *Cualquiera!Cualquer cosa sobre todo en mi*. Nela, componho com a ambiguidade de um corpo marcado por características hegemônicas, fissurado e contaminado por tortuosas movimentações eróticas;

¹⁹ Victor Turner (1920-1983) é um antropólogo britânico cuja pesquisa se funda na relação entre performance e ritual.

montação *drag* que se recusa a assumir uma binaridade de gênero - *king* (homem) ou *queen* (mulher); maquiagem grosseira que choca com as convenções da pintura *drag*; e criação de outras geografias corporais, sem a marcação tradicional da fita como a definição de cintura, quadril e seios, comum na arte *drag*. Estas escolhas estéticas se dão de modo a organizar no e pelo corpo as questões que são próprias da materialidade da carne, configurando articulações de resistência e tensão frente ao imaginário cis-heteronormativo, deslocando o programado e projetado para meu corpo.

Figura 1 - Apresentação da performance *Cualquiera! Cualquier cosa sobre todo en mi* na *Mostra Devires*, Salvador, BA, 2018. Foto: Taylla de Paula



Figura 2 - Apresentação da performance
Cualquiera! Cualquier cosa sobre todo en mi no FIAC - Festival Internacional de Artes
 Cênicas da Bahia, Salvador, BA, 2019. Foto: Isabela Bugmann



Uma das ações da performance é uma homenagem à atriz brasileira Maria Alice Vergueiro e à minha tia-avó Patrícia, cuja semelhança residia na beleza comum entre as duas mulheres e nos corpos marcados pelo derrame e *Parkinson*, rompendo com a sensualidade hegemônica e revelando outras possibilidades do erótico. Após a homenagem, deito-me no chão, retorço as mãos em um movimento que encarna a memória de minha tia, cujo derrame entortou seus membros. Passo então por poses sensuais, em deslocamentos guiados pela minha vagina, aproximando-me do público e ofertando enquadramentos inusitados de imagens associadas ao sensual. A instabilidade dos apoios das mãos abre possibilidades na ação, produzindo poses tortas e estranhas capazes de deslocar a dimensão da sensualidade única do *mainstream* pornográfico, levando-a a múltiplos desdobramentos.

Cada contexto geográfico, histórico, espacial, político, etc., perturba a performance no sentido de friccionar as relações entre as circulações de imagens e os elementos/sujeitos presentes no momento da ação. Dessa forma, ainda sobre esta ação da performance *Cualquiera! Qualquer cosa sobre todo en mi*:

A depender de quem me relaciono, o sentido muda. Relação 1: uma buceta à frente, planta carnívora faminta guiando um corpo sem peito, atravessado por fitas isolantes responsáveis pela criação de outras geografias de mim, montanhas de diferentes relevos, a barriga dividida em três morros macios, indo de encontro com um outro corpo: uma jovem travesti negra. Eu subindo em seu colo, com as pernas abertas e ela me segurando muito cuidadosamente para que eu não me ferisse naquele trajeto. Seus olhos, ouvidos, pernas e abraços atenciosos na acolhida daquela travessia. Relação 2: eu em frente a um senhor idoso, branco e heterossexual com as pernas abertas. Parei em sua frente com as duas pernas abertas, o xoxotão à mostra, e movi o quadril para frente e para trás repetidas vezes, aumentando ritmo e intensidade, enquanto seu rosto ia se desfazendo em uma aparente falta de compreensão do que se tratava ali. Quanto mais constrangido ele ficava, mais eu jogava com a situação: o movimento de ir e vir do quadril me levou a uma vibração de corpo todo, acompanhada de um som grave, sem lógica verbal, com a textura próxima de um expurgo. Quando a ação levou o ambiente a uma tensão máxima, quebrei o movimento e joguei a cabeça para trás com uma gargalhada, me levantei e segui para a próxima ação. Todos riram. La venganza. Nesse momento, o público compreendeu o que simbolicamente estava em jogo na performance: um corpo debochando de sua condição naturalizada de estar disponível e à serviço sexual dos homens, ao expor seu órgão genital a um senhor e provocar espanto, no lugar de desejo e atração (Duprat, 2019, p. 48).

Figura 3 - Apresentação da performance *Cualquiera! Cualquier cosa sobre todo en mi* na *Mostra Devires*, Salvador, BA, 2018. Foto: Taylla de Paula



Figura 4 - Apresentação da performance *Cualquiera! Cualquier cosa sobre todo en mi* na *Mostra Devires*, Salvador, BA, 2018. Foto: Taylla de Paula.



Outro momento importante da performance é a ação simbólica de “botar um ovo” pela vagina que, mesmo aparentemente simples, carrega um forte impacto subversivo ao desvirtuar a função primeira do elemento trabalhado. Tanto o ovo, como categoria alimento destinado à introdução pela boca, quanto a vagina, categoria órgão genital cuja função estabelecida pela heterossexualidade é a de receptora, ao não cumprirem com a expectativa utilitarista projetada para eles, acabam por romper com a lógica colonial de fixação de um único modo de ser e estar. Mais adiante, no meio da performance, esse mesmo ovo é frito e ingerido pela performer, criando uma interação de sentidos entre parir e a ação de abortar, reivindicando o poder e autonomia do próprio corpo.

Figura 5 - Apresentação da performance *Cualquiera! Cualquier cosa sobre todo en mi* na *Mostra Devires*, Salvador, BA, 2018. Foto: Taylla de Paula



Figura 6 - Apresentação da performance *Cualquiera! Cualquier cosa sobre todo en mi* na *Mostra Devires*, Salvador, BA, 2018. Foto: Taylla de Paula



Figura 7 - Apresentação da performance *Cualquiera! Cualquier cosa sobre todo en mi* na *Mostra Devires*, Salvador, BA, 2018. Foto: Taylla de Paula



E, por fim, uma outra ação, nomeada *la venganza*, da mesma performance *Cualquiera! Cualquier cosa sobre todo en mi*, constitui-se em

[...] esfregar alguma parte do corpo contra outra superfície até chegar no limite do movimento e, estimulado por um tremor que nasce dessa exaustão, o gatilho de uma arma de brinquedo é apertado e um jato de água é mandado para longe. A fricção é a condição tátil para se chegar ao gozo e a ejaculação é expressa no jato de água. A relação entre o bélico e o sexual proposta por Diana Torres é direta, embora tratada de forma cômica, irônica e lúdica, trazidas na presença de uma arma de brinquedo. A escolha não se deu pelo efeito do riso, ainda que ele seja sempre bem-vindo, mas pelo impacto de desordem que carrega a imagem de qualquer parte do meu corpo gozando e ejaculando através de uma arma. Essa ação desloca o protagonismo dos órgãos genitais reprodutivos no ato sexual. Não apenas a minha buceta goza sem penetração, mas minha cabeça, braço, costas, pés e etc. Inteligência tátil: pele ouriçada pelo toque, o arrepio, poros dilatados, corpos esburacados, um campo minado (Duprat, 2019, p. 66-67).

Figura 8 - Apresentação da performance *Cualquiera! Cualquier cosa sobre todo en mi* no FIAC - Festival Internacional de Artes Cênicas da Bahia, Salvador, BA, 2019. Foto: Isabela Bugmann



Figura 9 - Apresentação da performance *Cualquiera! Cualquier cosa sobre todo en mi* no FIAC - Festival Internacional de Artes Cênicas da Bahia, Salvador, BA, 2019. Foto: Isabela Bugmann



Figura 10 - Apresentação da performance *Cualquiera! Cualquier cosa sobre todo en mi* no FIAC - Festival Internacional de Artes Cênicas da Bahia, Salvador, BA, 2019. Foto: Isabela Bugmann





Me interesse por investigar processos de criação que desafiem, por meio de experimentos estético-políticos, as normatividades projetadas aos corpos, demonstrando desobediência frente ao imaginário colonial. E, nesse processo de descobertas, encontrei na vingança um meio de satisfação erótica, acolhido pelo pornoterrorismo de Diana Torres, capaz de atentar contra imaginários heterossexuais, redutores, empobrecidos e estáveis. A vingança é instaurada pela exigência e reivindicação do próprio prazer, construindo bases para uma autonomia erótica.

Considerações finais

Neste artigo, busquei localizar a heterossexualidade como uma instituição colonial, produzida sócio-historicamente, e, assim, articular estratégias artísticas críticas às imagens produzidas hegemonicamente e projetadas para cada corpo. Compreendendo as identidades nascidas da colonialidade como operantes de um sistema de correspondência entre corporalidades e comportamentos esperados (projetado e ensinado) para cada grupo social. No campo da sexualidade, a heterossexualidade informa modos de vida: o ato sexual é caracterizado pela penetração; o caminho da felicidade é o da família nuclear; as esposas servem sexualmente aos seus maridos, não sendo bem visto que tenham momentos de prazeres próprios; e assim por diante. O corpo é o meio pelo qual a regulação social é fortemente inscrita e investida, não à toa, Tânia Saunders nos orienta para o caminho da autonomia erótica como possibilidade de desobediência frente aos pactos instaurados pela colonialidade.

O pornoterrorismo de Diana Torres foi apresentado como a ponte entre a autonomia erótica, discutida por Saunders, e a linguagem da performance, abordada por Eleonora Fabião, no sentido de investigar e experimentar estratégias artísticas que instauram novos mundos e produzem resistência ao imaginário colonial heteronormativo, que aprisiona os corpos em convenções pré-estabelecidas de sexualidade, gênero e raça. Na última parte do artigo, compartilhei algumas estratégias influenciadas pela estética pornoterrorista, que experimentei na criação da performance *Cualquiera! Cualquier cosa sobre todo en mi*. Nesta performance, articulei a vingança como possibilidade poética de não

pertencer ao que foi projetado para meu corpo. Nela, a vingança é líquida (como a água que jorra das armas de brinquedo), pois vem do gozo, da retomada do próprio corpo enquanto território erótico e autônomo. Tentei, por fim, tecer críticas à heterossexualidade além do julgamento das decisões individuais sobre sexualidade, abordando-a como uma instituição política que produz violência e compartilhando estratégias artísticas de resistência e confronto perante o imaginário produzido pela heteronorma

Referências

- BOUGER, Cristiane. *Entrevista com Eleonora Fabião*. Entrevista concedida à Cristiane Bouger. *Relâche - Revista Eletrônica da Casa Hoffmann*, Curitiba, p. 1-10, 2004.
- COLLINS, Patricia Hill. *Black Sexual politics: african americans, gender, and the new racism*. Nova Iorque: *Taylor & Francis e-Library*, 2004.
- CONEGATTI, Daniela; FELIPE, Jane. O que podem fazer duas vulvas? Sexo feminino, gênero lésbico. *Revista Periódicus*. Salvador: vol. 1. n. 7, p. 215-235, 2017. Acesso em: 06 set. 2018. DOI: <https://doi.org/10.9771/peri.v1i7.21624>
- CURIEL, Ochy. *La nación heterossexual: Análisis del discurso jurídico y el régimen heterossexual desde la antropología de la dominación*. Colômbia: Brecha Lésbica, 2013.
- DUPRAT, Luisa. *La Venganza! estratégias sapas pornoterroristas desestabilizadoras de normativas heterossexistas e racistas*. 2020. Dissertação (Mestrado em Dança) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.
- FABIÃO, Eleonora. Programa Performativo: o corpo-em-experiência. *Revista do Lume*, Campinas, n. 4, p. 1-11, dez. 2013. Acesso em: 15 jun. 2024.
- FABIÃO, Eleonora. Performance e Teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea. *Sala Preta*, São Paulo, v. 8, p. 235-246, nov. 2008. Acesso em: 07 jun. 2024. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v8i0p235-246>
- MOMBAÇA, Jota. Rastros de uma Submetodologia Indisciplinada. *Concinnitas*, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 28, p. 334-354, 2016. Acesso em: 29 mai. 2018.
- NÚÑEZ, Geni. *Descolonizando afetos: experimentações sobre outras formas de amar*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.



RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas - Estudos gays, Gênero & Sexualidades*, Natal, v. 4, n. 5, p. 1-28, 2012. Acesso em: 29 abr. 2019.

SAUNDERS, Tanya. Epistemologia negra sapatão como vetor de uma práxis humana libertária. *Periódicus*, Salvador, v. 1, n. 7, p. 102-116, 2017. Acesso em: 15 maio 2022

SETENTA, Jussara. *O Fazer-dizer do corpo: Dança e performatividade*. Salvador: EDUFBA, 2008.

TORRES, Diana. *Pornoterrorismo*. Navarra: Txalaporta, 2010.

TORRES, Diana. *Coño Potens*. Navarra: Txalaporta, 2015.

Recebido em: 30/06/2024

Aprovado em: 17/08/2024